

SEGURANÇA TURÍSTICA: A EXPERIÊNCIA DA MULHER ENQUANTO VIAJANTE SOLO

TOURIST SECURITY: WOMEN'S EXPERIENCE AS SOLO TRAVELERS

SEGURIDAD TURÍSTICA: LA EXPERIENCIA DE UNA MUJER QUE VIAJA SOLA

Bianca Nathalia Rodrigues Cabral¹ 
Aylana Laissa Medeiros Borges¹ 
Rodrigo Cardoso da Silva² 

¹Universidade de Brasília, Distrito Federal, DF, Brasil

²Instituto Federal de Brasília, Distrito Federal, DF, Brasil

Data de submissão: 08/12/2024 – Data de aceite: 10/04/2025

Resumo: Objetivo – Este artigo buscou analisar a percepção da mulher viajante solo quanto às questões de segurança durante deslocamentos realizados em destinos brasileiros.

Desenho/metodologia/abordagem – Trata-se de um estudo exploratório e bibliográfico de natureza quali-quantitativa, com aplicação de questionário *online*. Foram 205 questionários respondidos, entre os meses de maio e abril de 2022.

Resultados – Os resultados apontaram que a mulher viajante solo encontra-se inserida no contexto de independência financeira, na busca por autonomia e liberdade no ato de viajar, configurando-se como grupo em potencial na dinâmica do turismo, pois tem nessa prática um estilo de vida. Observou-se que o medo é um sentimento experienciado pelas mulheres durante as viagens realizadas no Brasil, o que demonstra a importância de um trabalho direcionado que visa a mitigar os elementos que envolvem e provocam essa realidade.

Limitações/implicações da pesquisa – A pesquisa teve um período curto para a coleta dos dados, entretanto em cerca de oito dias já se havia alcançado 205 respostas. Considera-se importante replicar essa pesquisa ampliando o período de coleta dos dados, e definindo uma estratificação de gênero, idade, cor da pele e renda, para que, assim, seja possível entender melhor o cenário da mulher viajante brasileira.

Implicações práticas – Os grupos de interesse que atuam em destinos turísticos com o objetivo de ampliar a participação feminina devem desenvolver estratégias para tornar a experiência de viagem mais segura. Isso inclui melhorar a comunicação e os serviços de segurança pública, além de aprimorar o registro de incidentes. Investir na capacitação de policiais do gênero feminino e refinar os protocolos de atendimento às mulheres vítimas de violência também são ações pertinentes.

Originalidade/valor – Este artigo apresenta um panorama que discute a percepção das mulheres, a partir de dados e relatos de experiências em deslocamentos no formato solo e realizados em destinos brasileiros. O trabalho tenta abordar uma questão complexa que é a relação entre sentir-se seguro para viajar na perspectiva feminina.

Palavras-chave: Segurança Turística; Mulheres; Viajante Solo; Brasil.

Bianca Cabral: Bacharela em Turismo pela Universidade de Brasília - DF, Brasil. Pesquisadora em Enoturismo e Turismóloga atuante em consultoria técnica, projetos de Turismo Responsável e Audiovisual. E-mail: biancacabral@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7774-0603>

Aylana Borges: Doutora em Turismo, professora e pesquisadora do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, CET/UnB, Brasil. E-mail: aylana.borges@unb.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1978-8515>

Rodrigo Cardoso: Doutor em Turismo, professor e pesquisador do Instituto Federal de Brasília – IFB/Campus Brasília, Brasil. E-mail: rodrigo.cardoso@ifb.edu.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8473-4244>

Abstract: Purpose – This article aimed to analyze the perceptions of solo female travelers regarding safety issues during trips to Brazilian destinations.

Design/methodology/approach – This is an exploratory and bibliographic study of a qualitative-quantitative nature, with the application of an online questionnaire. A total of 205 questionnaires were completed between May and April 2022.

Findings – The results indicated that solo female travelers are embedded in a context of financial independence, seeking autonomy and freedom through the act of traveling, positioning themselves as a potential group within the dynamics of tourism, as traveling represents a lifestyle for them. It was observed that fear is an emotion experienced by women during their travels in Brazil, highlighting the importance of targeted efforts to mitigate the elements that contribute to and provoke this reality.

Research limitations/implications – The survey had a short data collection period of eight days. However, during this period, 205 responses were obtained. It is considered important to replicate this research by extending the data collection period and defining a stratification by gender, age, skin color and income, in order to gain a better understanding of the scenario of Brazilian female travelers.

Practical implications – Interest groups operating in tourist destinations with the aim of increasing female participation must develop strategies to make the travel experience safer. This includes improving communication and public safety services, as well as improving incident recording. Investing in the training of female police officers and refining care protocols for women victims of violence are also pertinent actions.

Originality/value – This article presents an overview that discusses women's perceptions based on data and reports of experiences when traveling alone to Brazilian destinations. The paper attempts to address a complex issue that is the relationship between feeling safe to travel and being alone from a female perspective.

Keywords: Tourism Safety; Women; Solo Traveler; Brazil.

Resumen: Objetivo - Este artículo tiene como objetivo analizar la percepción de las mujeres viajeras solas en relación con las cuestiones de seguridad durante los desplazamientos realizados en destinos brasileños.

Diseño/metodología/enfoque – Se trata de un estudio exploratorio y bibliográfico de naturaleza cualitativa-cuantitativa, con la aplicación de un cuestionario en línea. Se respondieron 205 cuestionarios entre los meses de mayo y abril de 2022.

Hallazgos: Los resultados indicaron que la mujer viajera sola está inserta en el contexto de la independencia financiera, buscando autonomía y libertad en el acto de viajar, configurándose como un grupo potencial dentro de la dinámica del turismo, ya que esta práctica representa un estilo de vida para ellas. Se observó que el miedo es un sentimiento experimentado por las mujeres durante sus viajes en Brasil, lo que resalta la importancia de un trabajo dirigido que busque mitigar los elementos que contribuyen a y provocan esta realidad.

Limitaciones/implicaciones de la investigación: La encuesta tuvo un corto período de recolección de datos, sin embargo, en alrededor de ocho días ya se habían alcanzado 205 respuestas. Se considera importante replicar esta investigación ampliando el período de recolección de datos y definiendo una estratificación por género, edad, color de piel y renta, de modo que sea posible comprender mejor el escenario de las viajeras brasileñas.

Implicaciones prácticas: Los grupos de interés que operan en destinos turísticos con el objetivo de incrementar la participación femenina deben desarrollar estrategias para hacer la experiencia de viaje más segura. Esto incluye mejorar los servicios de comunicación y seguridad pública, así como mejorar el registro de incidentes. Invertir en la capacitación de mujeres policías y perfeccionar los protocolos de atención a mujeres víctimas de violencia también son acciones pertinentes.

Originalidad/valor: Este artículo presenta un panorama que discute las percepciones de las mujeres a partir de datos y relatos de experiencias en viajes en solitario a destinos brasileños. La obra aborda un tema complejo que es la relación entre sentirse segura al viajar sola, desde una perspectiva femenina.

Palabras Clave: Seguridad Turística; Mujeres; Viajera Solo; Brasil.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre segurança turística está em ascensão (Zou & Meng, 2019; Borges, 2021; Díaz-pompa *et al.*, 2023), dada a importância de atender às necessidades básicas dos viajantes/turistas com relação à sua proteção, sobretudo física e psicológica, considerando os aspectos que envolvem o antes, durante e depois da prática turística em um destino. A academia, a sociedade e o mercado têm se atentado cada vez mais sobre a relevância de se pensar segurança e a relação com a mobilidade dos indivíduos.

O Ministério do Turismo (MTUR, 2019) promoveu o 1º Encontro de Segurança Turística, buscando reunir representantes de diferentes ministérios como o da Saúde, da Justiça e Segurança Pública e do Desenvolvimento Regional, cujo intuito foi tratar da elaboração de um Sistema Nacional de Segurança Turística. Isso revela um interesse em debater questões que

são urgentes, de demanda mundial e a pertinência em reunir áreas distintas para uma atuação colaborativa, uma vez que a segurança turística está ligada a uma atuação conjunta de áreas diversas.

Além do encontro, outras ações passaram a ser organizadas, como a realização de oficinas para pensar e propor ações de segurança turística a partir de eixos que envolvem vigilância sanitária, segurança pública, prevenção à exploração de crianças e adolescentes no turismo, defesa civil e do consumidor, transporte e comunicação positiva (MTUR, 2022). Observa-se que tanto o encontro quanto as oficinas citadas abordam a segurança voltada para o turista como uma temática de interesse público, com foco em subsidiar políticas juntamente a outros órgãos e representantes, garantindo a visão múltipla e interdisciplinar que turismo e segurança exigem.

Sendo assim, entender o que contempla a segurança no turismo torna-se imprescindível para a prática de viagens mais seguras, ao planejamento de destinos turísticos e a gestão da atividade turística.

Acredita-se na relevância em discutir a segurança em viagens frente ao gênero da pessoa, destacando, nesse estudo, o gênero feminino. O referido grupo é abordado e/ou sofre com relação a diferentes tipos de violência e deve ser considerado nessas iniciativas de alcance nacional como um tópico em destaque, principalmente no que tange às percepções do público feminino e as específicas violências que atingem diretamente a mulher.

Uma pesquisa intitulada “Women’s Danger Index: The Worst (and Safest) Countries for Solo Female Travel in 2019” (Women’s Danger Index, 2019), que busca identificar os países mais perigosos do mundo para mulheres que viajam sozinhas, destaca que o Brasil ocupa o segundo lugar, recebendo uma pontuação de 624.28 no “Women’s Danger Index”. O estudo foi feito considerando também fatores culturais, das leis e da opressão sistemática com as mulheres de cada país e atribui pontos de acordo com outros estudos, definindo, assim, uma pontuação que se refere ao índice de perigo.

Para esse grupo de viajantes, Carvalho, Baptista e Costa (2015) explicam que “metodologicamente, apresenta-se a necessidade de se realizarem mais pesquisas de caráter qualitativo, no sentido de se poder assegurar um melhor entendimento da complexidade do turismo no século XXI”. Ainda é incipiente o quantitativo de estudos no turismo que abordam especificamente o público feminino na condição de viajantes solo, que refletem e/ou propõem medidas e estratégias que visem à sua segurança, e que colaboram na orientação de políticas públicas direcionadas e efetivas. Em razão disso, formatou-se a seguinte questão problema: *Qual a percepção e necessidades, em relação à segurança turística, do público feminino que viaja sozinho no Brasil?*

Como objetivo central para este estudo, propôs-se: Analisar a percepção do gênero feminino, Solo Woman Traveller, quanto às questões de segurança turística em destinos brasileiros. Quanto aos objetivos específicos, definiu-se: a) Identificar o perfil socioeconômico do público feminino brasileiro que realiza viagens turísticas solo no Brasil; b) Investigar a percepção do gênero feminino acerca da segurança turística, nos destinos brasileiros, durante suas viagens solo, destacando as motivações desse grupo para essa forma de deslocamento; c) Discutir as questões de segurança turística a partir do levantamento de relatos de pessoas do gênero feminino que praticam viagens solo no Brasil.

Como metodologia, trata-se de um estudo que fez uso da pesquisa bibliográfica e documental, e possui caráter qualitativo. Buscou-se identificar informações que se complementassem. Assim, a percepção e descrição de acontecimentos relacionados a temática foram levantados, bem como foram utilizados dados numéricos. Para tanto, ao longo deste artigo, encontra-se um referencial teórico que aborda a segurança turística e a violência de gênero com ênfase nas mulheres; na sequência, detalham-se os elementos metodológicos definidos; e apresenta-se a discussão dos resultados e as considerações finais.

SEGURANÇA TURÍSTICA E MOTIVAÇÃO: UMA DISCUSSÃO INICIAL

A segurança está relacionada ao ato de proteger e, a segurança pública refere-se à garantia e presença do Estado na organização e ordem pública por meio de políticas bem elaboradas e específicas que promovam um viver em sociedade o mais harmonioso possível. Na dinâmica social, o cidadão, entre direitos e deveres, deve sentir-se seguro para exercer o seu direito de ir e vir com tranquilidade, seja no seu dia a dia, no trabalho, no convívio em sociedade, entre outros, em seus momentos de lazer e turismo.

Para Bridi (2014) viagens, turismo e segurança são fenômenos que operam colateralmente, são análogos porque estão interligados, ocorrem de maneira paralela e interdependente. As viagens, no fenômeno turístico, acontecem em meio à segurança nas ações e reações da pessoa enquanto viajante, mostrando-se interdependentes. Isso significa que a existência de segurança ou a falta dela pode trazer implicações positivas ou negativas sobre as motivações e escolhas do turista.

Para Costa e Herrera (2019), ao pensar em segurança turística, a reflexão a ser feita deve ser direcionada para o desenvolvimento e a aplicação de políticas de segurança que sejam integradas e preventivas. Integradas, pois é importante que sejam consideradas as diferentes necessidades e os direitos do cidadão para fins de uma vida digna; e preventivas, uma vez que são necessários estudos prévios que permitam evitar situações por antecipação.

Em relação às políticas públicas, acredita-se que as ações do Plano Nacional de Turismo (PNT) devem considerar e orientar práticas de desenvolvimento turístico no Brasil, levando em consideração problemas emergentes e de ordem pública, como é o caso da segurança pública. Conforme estudo realizado por Borges e Silva (2020), identificou-se que tal referência aparece apenas no PNT de 2018-2022, ou seja, passados 15 anos do primeiro plano nacional após a criação do MTur em 2003 menciona-se a questão da segurança pública.

Para os autores, a segurança pública é uma questão primordial para o desenvolvimento e a prática do turismo em um destino, pois a insegurança causada por problemas dessa natureza pode ocasionar uma evitação pelo destino e mudanças de rotas na busca de lugares considerados mais seguros.

Entendendo a importância da discussão sobre segurança turística no Brasil, Feitoza e Costa (2021) esclarecem que, nesse caso, lida-se com uma abordagem complexa, por entender que o país tem condições enraizadas e multifacetadas que implicam diretamente no entendimento da segurança pública, exigindo o conhecimento de diferentes áreas. Nota-se que a integração entre os diferentes setores sociais é necessária, já que as causas da(s) violência(s) pode passar por questões amplas que envolvem a economia e ausência no acesso a qualidade de vida que é experienciada pela maioria da população.

Aguiar, Martins e Cardoso (2003) esclarecem que a segurança, fator indispensável na receptividade do turista, deve, antes de qualquer coisa, ser garantida à comunidade receptora.

O que a comunidade local experencia, direta ou indiretamente, será absorvido também pelo viajante e/ou turista, demonstrando a pertinência em lidar com e atender às necessidades do residente em um primeiro momento. A segurança pública aparece como indissociável às estruturas de serviços turísticos, relacionada, inclusive, com a motivação do turista ao realizar uma viagem.

Em complemento, Braggio (2007) esclarece que “a fragilidade das estruturas urbanas no que se refere à segurança pode resultar no declínio do turismo, dessa forma comprometendo a manutenção das atividades que sustentam a economia da cidade”. Tais fragilidades de segurança em atrativos ou pelas ruas/avenidas, em um simples caminhar, trazem implicações negativas para o destino.

Barretto (1995) aponta como fatores consideráveis para a escolha de um destino: questões espaciais, de distâncias; infraestruturas (básica, complementar, turística) disponíveis; receptividade; condições sanitárias e segurança. Já para Jamal e Lee (2003), a motivação do turista pode estar relacionada tanto a uma perspectiva psicossocial, envolvendo questões psicológicas, onde o determinante é intrínseco ao próprio turista, quanto a uma perspectiva sociológica, voltada para condições estruturais e institucionais que desencadeiam comportamentos que fogem do padrão cotidiano, em que o turista busca por atividades diferentes do seu dia a dia, como atividades rotineiras em casa e no trabalho.

O turismo, enquanto fenômeno social, faz com que a motivação envolva a visão de mundo do viajante, seus valores, experiências, e dite como funciona o cenário de interação entre a viagem e o viajante (Hirata & Braga, 2017). Isso traz para reflexão o fato de, mesmo com problemas estruturais ou de segurança pública, os destinos permanecerem com fluxos turísticos ou ter apenas uma redução desses. Percebe-se, portanto, a constância no entendimento do turismo como um fenômeno social inerente aos aspectos motivacionais do ser humano, que podem ser modificados devido às dinâmicas e o contexto em que se está inserido.

VIOLÊNCIA DE GÊNERO COM ÊNFASE NAS MULHERES

O termo violência de gênero tem um sentido mais amplo, nele se inserem não apenas os atos cometidos contra a mulher, mas também a crianças, adolescentes, dentre outros grupos sociais específicos. Para este estudo, enfatizamos a “violência contra a mulher”, termo que começou a ser usado no final da década de 1970 após mobilizações feministas que denunciavam assassinatos de mulheres e impunidades dos agressores, e continuaram na década de 1980, em função de atos como espancamentos e maus tratos conjugais (Araújo, 2008).

As condutas alertavam para uma violência exclusiva do gênero, que causavam danos físicos, sexuais, psicológicos e mortes, decorrentes das relações de poder estabelecidas, na época, entre homens e mulheres, em que a dominação

masculina era legitimada em sociedade. Uma aprovação norteada por questões biológicas e sociais que apresentavam a mulher de forma inferiorizada.

Cita-se que, na Grécia, há um mito que retrata a história de Pandora, uma figura feminina, que teria aberto a caixa de todos os males do mundo e, por consequência desse ato, as mulheres eram as responsáveis por desencadear situações de desgraça (Puleo, 2004). Ainda de acordo com o autor, grandes religiões também construíram narrativas, justificando, ao longo dos tempos, condutas específicas do gênero masculino e feminino, construções essas que desencadearam situações de desigualdade de gênero enraizadas nas sociedades.

Mesmo diante das lutas e avanços com a criação de serviços de atendimento à mulher, Conselhos Nacionais, Estaduais e Municipais da Condição Feminina e da primeira Delegacia de Defesa à Mulher (DDMs) instituída no ano de 1985, em São Paulo, no dia 6 de agosto, a “violência contra mulher” no Brasil ainda é um grave problema social (Araújo, 2008). Tais avanços são resultado de uma luta de mulheres que se organizaram para que tantas outras mulheres tivessem um espaço diferenciado, adequado às demandas específicas de gênero, conforme apontado pela primeira delegada titular da DDM, Rosmary Corrêa para o Portal Migalhas (2019).

A primeira DDM surgiu em um período de ausência de dados estatísticos e com falta de espaços de atendimento às realidades femininas, onde não havia autonomia, poder de voto, liberdade profissional e nem a existência de termos como “feminicídio”, por exemplo. Izumino (2004) explica que existiram certas contradições em como as DDMs funcionavam, mesmo havendo um consenso de que, nessas delegacias, se apontavam os reais problemas das vítimas e os contextos de agressões e crimes que surgem com maior frequência.

Nos anos 1990, a Organização das Nações Unidas (ONU) organizou uma série de conferências globais, entre os eventos, três delas levantaram questionamentos sobre a “criminalização da violência contra a mulher”, em Viena em 1993, em Cairo em 1994 e em Beijin, no ano de 1995, estabelecendo como violação dos direitos humanos, tornando-se um marco importante para a temática. As discussões e os debates, ainda que a nível global, podem ser considerados recentes, especialmente, porque o reconhecimento e/ou o conhecimento sobre as várias formas de violência contra a mulher ainda são restritos na sociedade brasileira.

Conforme Izumino (2004), a partir do momento em que houve uma intervenção para a normatização da “violência contra a mulher”, essas ações puderam ser qualificadas no contexto em que ocorrem, ou seja, a violência doméstica caracteriza-se pelo formato de relacionamento entre a vítima e quem cometeu o crime, abordado em espaço doméstico ou familiar; pelo gênero dos envolvidos (violência contra a mulher, ou de gênero) ou pelo ato (feminicídio ou violência sexual).

Ainda que um avanço seja reconhecido pensando na estruturação como uma forma de julgamento e cumprimento da lei, os casos não param de acontecer. Segundo Souza (2016), o termo “violência de gênero” é praticamente um sinônimo de “violência contra a mulher”, quando se observa os estudos sobre violência contra as mulheres. Isso porque, embora a violência de gênero possa incidir sobre homens e mulheres, os estudos e estatísticas existentes demonstram que grande parte desta violência é cometida sobre as mulheres, por homens, com consequências físicas e psicológicas muito mais graves, severas e nocivas para esse grupo. Em países do continente americano, uma em cada três mulheres é vítima de violência de gênero, de acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS).

Bordieu (1999), ao analisar aspectos de dominação masculina, relaciona a opressão das mulheres ao sistema patriarcal e, com isso, restringe a um modo padrão de realizar e se comportar como um ser dominante. De certa forma, essa abordagem limita o estudo da “violência contra a mulher” como sendo uma violência que ocorre apenas em um ambiente onde há uma pessoa do gênero feminino como vítima e uma pessoa do gênero masculino como alguém que comete um ato. Em razão disso, faz-se necessário destacar estudos mais recentes de autores que apontam a violência de gênero para além dessa visão, entendendo-se que tais estudos são complexos e que existem diversas formas de “poder e violência”, assim como existem diversas formas de resistência.

Pode-se dizer que a violência contra a mulher não é um fenômeno único e não acontece da mesma forma nos diferentes contextos; ela tem aspectos semelhantes, mas também diferentes em função da singularidade dos sujeitos envolvidos. Apesar da presença comum do fator predominante, a desigualdade de poder nas relações de gênero, cada situação tem uma dinâmica própria relacionada com os contextos específicos e as histórias de vida de seus protagonistas. Por isso, na análise e compreensão da violência contra a mulher é fundamental levar em conta esses aspectos universais e particulares, de forma a apreender a diversidade do fenômeno (Araújo, 2008).

A diferença de análise de violência nos gêneros fica clara quando se percebe que mulheres sofreram e sofrem violências simplesmente pelo fato de serem mulheres, enquanto homens passam por situações de repressão por razões externas e não por serem homens, conforme aponta Teles e Melo (2002). Segundo Barsted (2006), as mulheres relatam sentir-se

significativamente mais preocupadas sobre sua segurança pessoal do que os homens.

Ainda que mulheres possuam diversas razões para realizarem atividades sozinhas, seja no seu dia a dia, no trabalho, ou em momentos de lazer como viagens, a preocupação com a segurança é algo que está presente em suas decisões. Assim, empreender em uma viagem requer um esforço psicológico maior para as mulheres, considerando todo o contexto violento e desafiador que cerca o ser mulher na sociedade brasileira.

SOLO WOMAN TRAVELLERS NA PRÁTICA TURÍSTICA

A independência financeira das mulheres, em virtude da participação feminina no mercado de trabalho, fez com que cada vez mais fosse possível realizar diferentes atividades que antes não eram possíveis, como o ato simples de comprar itens pessoais ou até se planejar e realizar viagens turísticas.

Entretanto, mesmo com tais mudanças e avanços, “a inserção feminina no mercado de trabalho tem-se caracterizado por clara desvantagem em relação aos homens em termos de rendimentos” (Araújo & Ribeiro, 2023, p. 2). O que, de alguma forma, também demonstra uma tentativa de inferiorizar e/ou limitar a mulher.

Para contextualizar e compreender a fala anterior, tem-se o resultado do estudo de Zhang, Lai e Wong (2024) que traz uma revisão sistemática da literatura sobre mulheres viajantes e o turismo, explicando que o turismo feminino é um fenômeno que reúne turistas de todas as idades viajando por lazer. Os autores revelam que os estudos feministas começaram a surgir na pesquisa sobre turismo de lazer em 1970, e tornaram-se um ponto importante na década de 1990, quando o empirismo feminista se concentrou nos direitos legais desse grupo.

Zhang, Lai e Wong (2024) reforçam que a desigualdade existe há muito tempo e que os homens têm o poder dominante nas relações entre homens e mulheres, com relação ao *status* social do indivíduo e nas várias oportunidades na vida. Nesse sentido, os autores esclarecem que no campo do turismo, conhecer a história das feministas ajuda a compreender a complexidade das turistas em termos de suas motivações, percepções e outros comportamentos de viagem, esclarecendo que, para as feministas, os seus direitos humanos e o status social devem ser aumentados para não estereotipar as mulheres como subordinadas dos homens.

Com relação à prática turística, existe uma crescente dos que entendem o ato de viajar como um atestado de autonomia financeira e que resulta em uma mudança de padrões sociais, ao perceber que esse posicionamento é uma ferramenta de emancipação. Reis (2016, p. 7) esclarece que “as mulheres percebem o turismo como uma ferramenta para expor seus direitos e liberdade na sociedade”.

Explica-se que o ato de viajar praticado por pessoas do gênero feminino é definido como “Solo Woman Travellers” ou “Solo Independent Woman Traveller”, ou seja, são mulheres que chegam em um destino sozinhas e não como uma pessoa que está em um grupo ou *tour* (Pereira & Silva, 2018). Essa abordagem do termo indica que a mulher está viajando sem uma companhia e pode estar suscetível a fatores relacionados a estar sozinha durante toda a viagem.

Na contemporaneidade, a sociedade já considera o deslocamento das mulheres como algo possível e que acontece de acordo com o desejo desse grupo, mas ainda é preciso se atentar e discutir sobre a complexidade das viagens solo. Para Reis (2016), “se as portas estão abertas para as mulheres no turismo, é bem possível que existam perigos pouco explorados ou desconhecidos. Em nem todos os lugares, o perfil de mulheres viajantes é aceito” (Reis, 2016, p. 33).

Existe a visão de que as mulheres são mais vulneráveis ou estão suscetíveis a certas violências, isso porque a sociedade colocou a mulher em uma posição inferior, sob o controle do patriarcado, enraizado culturalmente até hoje. Então, mesmo com algumas mudanças que começaram a surgir gradativamente, é necessário que as discussões de oportunidades de gênero estejam relacionadas ao mercado de trabalho, ao dia a dia, à maternidade e ao direito a lazer, consequentemente, ao ato de viajar para fins turísticos.

Isso pode ser reafirmado ao verificar os resultados do estudo de Zhang, Lai e Wong (2024) que revelou que a pesquisa atual sobre turismo feminino, incluindo jovens viajantes, viajantes solo e viajantes de meia-idade, pode ser dividida em três temas de pesquisa: motivação, risco e sexualidade. Elementos que também foram identificados neste estudo e aparecem nas discussões dos resultados.

METODOLOGIA

Este trabalho possui cunho exploratório, bibliográfico e documental, tendo sido realizadas buscas no Google Acadêmico, nas Publicações de Turismo da USP, no Google Livros e na busca geral do Google para encontrar artigos, livros e notícias sobre o tema segurança turística e mulheres viajantes solo. Para as buscas, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: “segurança turística”, “viajantes solo”, “solo woman traveller”, “segurança pública e turismo”, a fim de investigar e identificar o que há, até então, na literatura, acerca desse campo de estudo.

Desse modo, a pesquisa bibliográfica permitiu o aprofundamento teórico necessário para nortear o estudo (Gil, 2000), e de forma complementar a pesquisa documental proporcionou o resgate de materiais e/ou informações relevantes, mas que ainda não haviam recebido tratamento analítico. A partir da pesquisa documental, por meio de informações em ambiente *online*, sites oficiais, anuários estatísticos, leis, relatórios governamentais e a plataforma do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, foi possível comparar e descrever fatos sociais relacionados ao tema, na medida em que também se estabeleceram características e identificaram-se tendências, conforme explicitado por Pádua (1997). Esse método tornou possível discutir a temática, de forma mais abrangente e substancial, tendo em vista a natureza das informações encontradas.

Neste estudo, adotou-se uma abordagem qualiquantitativa. A qualitativa para compreender os discursos enquanto sujeitos da pesquisa e sujeitos sociais, já que esses atores, envolvidos na dinâmica do estudo, são individuais e coletivos ao mesmo tempo (Minayo, 1992). Os elementos quantitativos também foram utilizados para entender questões objetivas relacionadas às características das respondentes, como faixa etária, cor da pele (etnia), estado civil, ocupação profissional, renda mensal e estado em que residem.

Como instrumento de coleta de dados o questionário foi utilizado, pois se desejou traçar um perfil socioeconômico do grupo investigado, assim como buscou-se averiguar percepção, motivações e necessidades do público feminino quanto à segurança turística no Brasil. O instrumento dispôs de um total de 21 perguntas, entre abertas e fechadas, separadas em três seções: a) Características das respondentes; b) Percepções em viagens solo; c) Relatos de mulheres em viagens solo. O questionário foi direcionado a pessoas do gênero feminino que costumam viajar ou já viajaram sozinhas para destinos turísticos brasileiros.

O questionário *online* foi compartilhado em mídias sociais (Instagram, Facebook, WhatsApp). A pesquisa foi encaminhada para mulheres que possuíam vínculo pessoal com a autora do trabalho, e em seguida fez-se o compartilhamento em grupos/perfis de viagens em que apenas mulheres faziam parte. No Facebook, o questionário foi divulgado nos grupos “Mulheres que viajam sozinhas”, “Mulheres que viajam sozinhas – Dicas de viagem”, “Viajar sozinha – Apenas mulheres”, “Mulheres que viajam sozinhas e amam” e “Mulheres que viajam e mochileiras”. A coleta de dados foi iniciada em 26 de abril de 2022 e encerrada no dia 2 de maio de 2022. Em apenas oito dias de coleta de dados, atingiu-se um quantitativo de 205 respondentes, fato que desperta atenção e revela o interesse das mulheres em contribuir com estudos que visam a identificar elementos de segurança associados a viagens.

Para a análise dos dados quantitativos, adotou-se uma abordagem descritiva, com cálculo de medidas estatísticas básicas e distribuição de frequências (percentuais). A organização e o processamento dos dados foram realizados com auxílio do *software* Microsoft Excel, permitindo a visualização sistemática dos resultados por meio de tabelas e gráficos. Para os dados qualitativos, adotou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), metodologia que permite sistematizar e interpretar os depoimentos coletados. O processo seguiu as etapas de pré-análise (1), e exploração do material e tratamento dos resultados (2), com agrupamento em categorias temáticas emergentes dos dados, com isso, produziram-se tabelas com as principais falas coletadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico, estão a caracterização dos respondentes; as percepções das mulheres em viagens solo; e os relatos sobre experiências vividas. Atribuiu-se como “violência” as categorias instituídas pela legislação Maria da Penha (Brasil, 2006 – Lei n. 11.340), que são violências diretamente relacionadas às pessoas do gênero feminino, a saber: **física** (ofende a integridade ou saúde corporal da mulher); **psicológica** (qualquer conduta que cause danos emocionais e diminuição da autoestima ou vise a degradar ou controlar suas ações.); **sexual** (qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada.); **patrimonial** (conduta que configure retenção, subtração ou destruição parcial ou total de objetos pessoais, como o furto); e **moral** (qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria, como os xingamentos).

Quanto ao perfil sociodemográfico, as respondentes foram questionadas sobre sua idade, cor da pele/etnia, estado civil, ocupação profissional, renda mensal e o estado em que reside, considerando também respondentes brasileiras que residem em outro país, conforme apresentado na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico da amostra da pesquisa

Categoria	Subcategoria	Porcentagem
Faixa Etária	De 18 a 25 anos	13,20%
	De 26 a 35 anos	36,60%
	De 36 a 45 anos	26,80%
	De 46 a 59 anos	16,60%
	60 anos ou mais	6,80%
Cor/Raça	Branca	58,00%
	Preta	9,00%
	Parda	27,00%
	Amarela	1,00%
	Indígena	1,00%
	Não quero declarar	4,00%
Estado Civil	Solteira	68,30%
	Casada	13,20%
	Em união estável	6,80%
	Divorciada	9,80%
	Viúva	1,80%
Ocupação	Estudante	9,00%
	Empregada	62,00%
	Desempregada	4,00%
	Autônoma	21,00%
	Aposentada	4,00%
Renda Mensal	Até 2.000 reais	20,00%
	De 2.000 a 3.000 reais	19,00%
	De 3.001 a 4.000 reais	13,00%
	De 4.001 a 5.000 reais	6,00%
	De 5.000 a 6.000 reais	9,00%
	Mais de 6.001 reais	33,00%
Estado em que reside	Distrito Federal	35,10%
	Rio de Janeiro	12,20%
	São Paulo	10,70%
	Rio Grande do Sul	10,20%
	Minas Gerais	2,90%

Fonte: dados da pesquisa (2022).

A maioria das respondentes possui entre 26 e 35 anos, o que corresponde a 36,60% da amostra total. A faixa etária mais representativa da pesquisa sugere um grupo que possui maior independência financeira, já que é uma faixa etária em que as pessoas estão, na maioria das vezes, inseridas no mercado de trabalho. O segundo grupo com maior destaque, possui entre 36 e 45 anos (27,00%), que, pela faixa etária, podem possuir uma maior renda e/ou estarem estáveis financeiramente. É importante ressaltar também que existe uma representação de cerca de 7,00% de mulheres com 60 anos ou mais, demonstrando que a viagem solo é, mesmo com desafios, uma forma de qualidade de vida. Observa-se que, além da renda, o tempo e as oportunidades são pontos que precisam ser considerados pelas mulheres, tendo em vista que elas, em sua maioria, cuidam dos filhos, da família, da casa e ainda trabalham fora, como apontado por Zhang, Lai e Wong (2024).

Ao analisar os dados de cor da pele/etnia das respondentes, percebe-se uma porcentagem alta de mulheres brancas que realizam viagens solo, representando 58,00% da amostra total da pesquisa, contrastando com apenas 9,00% de mulheres pretas.

Tal análise pode ser feita pensando em como privilégios, relacionados à cor da pele, podem influenciar na realização de uma viagem. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o rendimento médio mensal das pessoas

ocupadas brancas foi 73,90% superior ao das pretas ou pardas (El País, 2019), e essa diferença salarial tornou-se um padrão, que vem se repetindo ano a ano.

O ato de viajar passa por questões como disponibilidade de tempo, renda, segurança e mais profundamente por fatores de classe, gênero e cor de pele/etnia, por exemplo. Entende-se que o processo da viagem não é o mesmo para pessoas brancas, pretas, pardas, amarelas ou indígenas e que, para além de razões econômicas, existem fatores enraizados nos círculos sociais, na cultura e nas estruturas de poder. Em conformidade, o estudo realizado por Santos e Sá (2021) que aborda a mulher negra viajante, constatou que “é necessário um turismo antirracista, que reconheça e valorize as pessoas negras, em especial as mulheres, por serem o grupo mais inviabilizado pelo racismo, destacando seu papel como gestoras da atividade turística, empreendedoras e também como turistas” (Santos & Sá, 2021, p. 253). Para as autoras, é preciso promover a equidade de gênero ao passo que se criem políticas públicas inclusivas, considerando o deslocamento e valorização da comunidade negra no papel de viajante.

Em se tratando do estado civil das respondentes, ainda que exista uma porcentagem alta de mulheres solteiras que viajam solo, representando 68,30% do total da amostra da pesquisa, percebe-se uma quantidade considerável, e interessante para análise, de mulheres casadas ou em união estável que também realizam viagens sozinhas, representando 13,20% e 6,80% respectivamente. Isso demonstra que as viagens acabam sendo realizadas a partir de investimentos próprios.

Nota-se que a vivência de experiências de autoconhecimento não está restrita às mulheres que estão solteiras e torna-se uma prática importante para o exercício da individualidade, resultando em mudanças nos padrões sociais. Reforça-se que a disponibilidade de tempo, as oportunidades, e a independência financeira são elementos que farão diferença na tomada de decisão de cada mulher viajante, sobretudo, na modalidade solo.

O resultado apresentado sobre a análise da ocupação profissional fortalece o entendimento que trata da faixa etária das respondentes, pois se percebe que a independência financeira e a inserção no mercado de trabalho estão diretamente relacionadas com a realização de uma viagem solo.

As mulheres empregadas representam 62,00% da amostra total e as autônomas representam 21,00%, sendo as porcentagens mais representativas. A independência financeira é, portanto, um dos principais fatores que possibilita às mulheres realizarem atividades que antes não eram tão comuns para esse grupo.

A maioria das respondentes, 33,00% da amostra total da pesquisa, possui uma renda mensal maior de R\$ 6.000,00. Esse dado apresenta, mais uma vez, a relação entre questões financeiras com a realização de uma viagem solo, onde, para além da independência financeira, a renda também estabelece se a mulher realizará ou não uma viagem. A ocupação das mulheres no mercado de trabalho também se modificou, uma vez que, comumente, é possível encontrá-las em cargos de gerência, justificando, assim, salários mais expressivos.

Os estados de residência das mulheres viajante solo com maior representatividade foram o Distrito Federal, com 35,10%, seguido do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, com 12,20%, 10,70%, 10,20% e 2,90%, respectivamente. Destaca-se que houve, também, a participação de uma respondente brasileira residente em outro país e uma respondente estrangeira.

Para o entendimento das percepções das mulheres em viagens solo, foram feitas perguntas sobre a motivação da escolha do destino e dos fatores que influenciam nessa decisão, conforme as análises a seguir, representadas no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Fatores considerados prioritários na escolha de um destino



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Observa-se que, para definição do destino a ser visitado, os principais elementos considerados são os “atrativos turísticos” (157) e as “belezas naturais” do lugar (128), o “baixo custo do deslocamento” (88), “recomendações de outras mulheres” (75) e de “blogs especializados nesta temática” (66), quanto aos melhores lugares para visitação.

As recomendações aparecem como pontos de destaque, significando que o boca a boca e os relatos de experiência realizados por outras mulheres em viagens solo auxiliam na tomada de decisão deste coletivo. A confiança na opinião e experiências de outras mulheres faz com que mais mulheres se sintam motivadas e encorajadas a viajarem sozinhas. Percebe-se que a prática da viagem solo entre as mulheres faz parte de construções em comunidade, em conjunto com outras mulheres que realizam viagens solo.

Destaca-se o item segurança pública no destino, que aparece com um total de 41 respondentes. Diante do universo de 205 respondentes, ainda é significativo o quantitativo de mulheres que não consideram ou não identificam alguns elementos de segurança pública na localidade, por exemplo, a existência de delegacias especializadas do turista ou de atendimento à mulher.

Tais pontos precisam ser discutidos e disseminados, já que em termos de violência, sobretudo, a violência física, as ocorrências contra as mulheres só aumentam. Sobre esse ponto, conforme o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2024), em 2023 houve um aumento no número de mulheres vítimas de feminicídio, foram 1.467 vítimas, 0,80% a mais em relação ao ano de 2022. Em algum momento, as mulheres podem sentir-se inseguras e isso vai influenciar, inclusive, na escolha dos destinos.

Referindo-se aos principais motivos para realizar uma viagem solo, como é possível verificar na Tabela 2, tem-se que a independência pessoal e financeira são elementos que contam para as mulheres que preferem e/ou desejam viajar sozinhas.

Tabela 2 - Principais motivos para realizar uma viagem solo

MOTIVOS	QUANTIDADE
Gosto de explorar novos destinos sem depender de ninguém	113
Gosto de realizar minhas viagens no meu próprio ritmo	98
A minha independência financeira me permite viajar sozinha	90
Ao viajar sozinha me sinto corajosa	82
Sinto emoção quando descubro novos locais	80
Busco por um sentimento de liberdade	79
Gosto de sair da zona de conforto e estabelecer novas amizades	75
Ao viajar sozinha, sinto que tenho mais tempo para refletir	70
Sou uma mulher solteira e gosto de viajar sozinha	68
Busco por uma identificação com o lugar e/ou destino	64
Sinto que tenho espírito de aventureira	56
Busco por aperfeiçoamento profissional	42

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

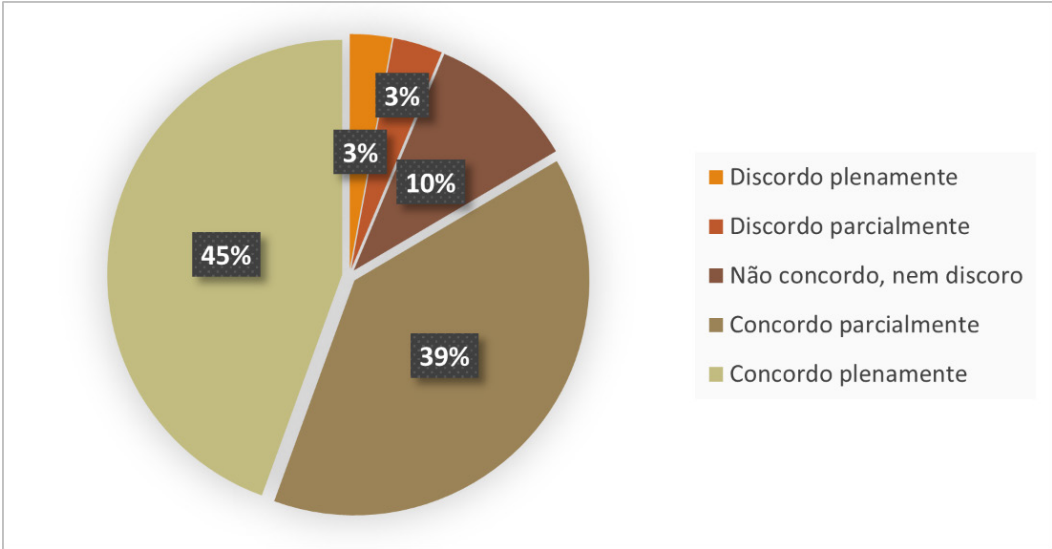
Explorar destinos sem depender de ninguém, realizar viagens no próprio ritmo, independência financeira foram fatores de destaque, conforme apresentado na Tabela 1. As motivações apresentadas e de maior representatividade entram em conformidade com o embasamento teórico desta pesquisa, que enxerga a mulher, enquanto viajante, com um posicionamento de emancipação, em que, antes, era restrita à dependência e subordinação.

O resultado também condiz com as perspectivas da motivação turística apresentada por Jamal e Lee (2003), em que o turista busca comportamentos que fogem do padrão cotidiano, por atividades diferentes do seu dia a dia, como visto nas respostas “busco por um sentimento de liberdade”, “gosto de sair da zona de conforto”, “sinto que tenho mais tempo para refletir”, “sinto que tenho espírito aventureiro”.

O estudo de Hamid, Ali e Azhar (2021) que relaciona viagem solo e bem-estar entre as mulheres revela que os principais motivos para viagens solo foram superar o estresse e a depressão, trazer mudanças positivas no estado atual da vida, fuga, felicidade, empoderamento, autocrescimento e autorrealização. Sentimentos e emoções que também apareceram neste estudo em questão, mas foram expressos em outros termos.

Para atingir um dos objetivos desta pesquisa, de investigar as percepções das mulheres que viajam sozinhas acerca da segurança turística, ainda relacionado com a motivação e influências de decisão na realização de uma viagem, foram feitas as seguintes análises, mostradas no Gráfico 2.

Gráfico 2: Segurança como fator determinante para a realização da viagem



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A maioria das respondentes concorda que a segurança em um destino é fator determinante para a escolha e realização da viagem. As opções “Concorde plenamente” e “Concorde parcialmente” representam 45% e 39%, respectivamente.

Pensar a segurança durante uma viagem deve ser prioridade e, para isso, pesquisar e conhecer a dinâmica do lugar que se deseja visitar é um passo importante. De outro modo, identificar as características do destino e os problemas que atingem a localidade irá permitir uma melhor preparação por parte dos viajantes.

Zhang, Lai e Wong (2024) elucidam que as mulheres que viajam com frequência têm percepções de risco mais baixas e são mais relaxadas durante a viagem, enquanto as turistas que viajam pela primeira vez têm percepções de risco muito maiores.

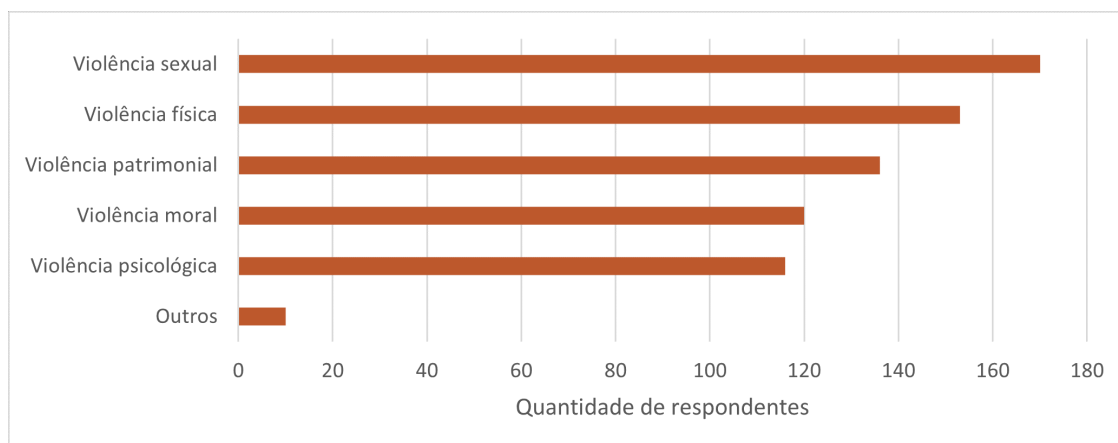
Nesse sentido, quanto às práticas que deixam as mulheres mais seguras durante suas viagens sozinhas estão “compartilhar o trajeto com a família e amigos” e “montar um roteiro para ser seguido à risca a programação”, conforme demonstram os dados da Tabela 3.

Tabela 3 - Práticas que deixam as mulheres mais seguras em uma viagem solo

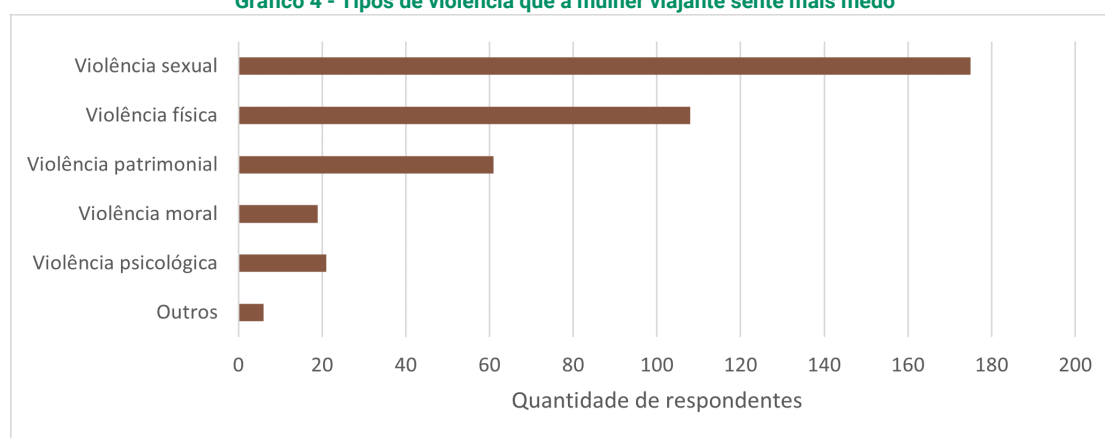
Práticas	Quantidade
Compartilhar o trajeto com família e amigos com antecedência	107
Não tenho nenhuma prática	42
Montar um roteiro e seguir à risca toda a programação	21
Utilização de algum aplicativo de compartilhamento de trajeto online	17
Outros: “Escolho lugares que foram recomendados por outras mulheres. Avaliar os possíveis riscos e limitações enquanto mulher”; “Dependendo do atrativo, vou com a companhia de outras pessoas que também estão viajando sozinhas”; “Pesquisar o local antes de ir, principalmente em questão de segurança. Pesquisar trajetos e horários mais seguros”.	

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Após a percepção da motivação da mulher viajante solo em relação à segurança, foram feitas análises de entendimento das respondentes acerca dos tipos de violência e suas incidências; sobre o medo, no questionário abordado como “o quanto você teme se tornar vítima”; sobre risco, abordado como “o quanto você acredita estar em risco ou o quanto você acredita que algo pode acontecer com você”; e qual o maior desafio ao realizar uma viagem sozinha, sendo uma pessoa do gênero feminino. Tais informações estão destacadas nos Gráficos 3, 4, e na Tabela 4, a seguir.

Gráfico 3 - Tipos de violência que podem ser sofridos por uma mulher viajante solo

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Gráfico 4 - Tipos de violência que a mulher viajante sente mais medo

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

No Gráfico 3, houve uma maior incidência entre as categorias “violência sexual” e “violência física”, com 170 e 153, respectivamente, coincidindo com o Gráfico 4, que apresenta um maior número de escolha nas mesmas categorias, em relação ao sentimento de medo, ou seja, a sensação que antecede algo que pode acontecer ou não. O sentimento de vulnerabilidade é presente, já que o ato de viajar sozinha requer interação social e, por vezes, o medo pode impedir que se realize a viagem como desejam.

Tabela 4 - Grau de concordância sobre sensação de medo e risco ao viajar pelo Brasil.

Grau de Concordância	Sensação de medo ao viajar pelo Brasil	Sensação de estar em risco ao andar pelas ruas de algum destino no Brasil
Discordo plenamente	5%	2%
Discordo parcialmente	10%	8%
Não concordo, nem discordo	10%	10%
Concordo parcialmente	41%	37%
Concordo plenamente	34%	43%

Fonte: dados da pesquisa (2022).

Ao fazer relação com os destinos brasileiros, observa-se que a sensação de medo e de estar em risco estão presentes e apresentadas, pelas respostas, com alta ocorrência. Da amostra total, 34,00% das respondentes, ao concordarem plenamente, apontam que já sentiram medo ao viajarem pelo Brasil, e 43,00% das respondentes dizem que já sentiram que estavam em risco ao andar pelas ruas de algum destino brasileiro (conforme Tabela 4).

Os números altos demonstram que as questões de segurança estão presentes na concepção de viagem da mulher. Dessa forma, foi feita uma coleta de depoimentos sobre os desafios que, de acordo com as respondentes, são atribuídos nas viagens solo, apresentados na Tabela 5 (foram apresentados apenas alguns dos depoimentos, todas as 205 respondentes apresentaram algum depoimento/relato, de forma anônima).

Tabela 5 - Depoimentos - Desafios da mulher ao realizar uma viagem solo

Depoimentos – Desafios da mulher ao realizar uma viagem solo	
D1	"A sensação de segurança . Em destinos turísticos, assédio ou desconfortos com turistas do gênero feminino são menos filtrados e mais recorrentes."
D2	"Lidar com julgamentos . Meus pais ficam super preocupados e pessoas do convívio acham que viajo só por não ter amigos/namorado. Mas penso que não vou deixar de conhecer lugares novos porque não tenho companhia ou porque acham que não vou dar conta ."
D3	"O maior desafio é controlar o medo e me manter o mais segura possível. Ter que ficar tomando muito cuidado com o horário que vou chegar, ou se conseguirei voltar pro hotel ao sair à noite."
D4	" Ser respeitada como ser humano capaz , que não necessita de outros (um homem) para realizar as coisas que quer."
D5	"Acredito que o maior desafio de realizar uma viagem sozinha é referente aos medos , porque por nossa segurança deixamos de explorar lugares ou damos preferência a certos horários. Inclusive, se algo danoso acontece, acredito que a mulher tem uma ' sentença de culpa ' maior, por parte de terceiros, com a justificativa que a vítima não pensou nesses fatores e evitou a situação."
D6	"Não me sentir segura de ir em alguns atrativos ou alguns eventos noturnos, principalmente, festas. Sinto que não consigo relaxar completamente durante uma viagem solo, pois preciso estar sempre alerta ".
D7	"As violências com certeza. Já fui muito intimidada e perturbada por homens em bares ou lugares públicos. Quando eles percebem que você está sozinha se sentem no direito de ir lá te importunar e muitos passam dos limites. Outra questão é o medo de beber algo que te deixe inconsciente e vulnerável . Sempre acabo procurando alguma mulher no local para nos apoiarmos e vejo que, hoje em dia, essa rede tem se tornado mais forte."
D8	"O maior desafio é a violência psicológica de diversas pessoas te diminuindo e te desanimando, tentando te passar medo sobre viajar sozinha e tentando te fazer desacreditar que é possível a viagem solo (essa violência ocorre muito por parte de mulheres, não só homens)."
D9	"Não ter onde encontrar apoio em caso de necessidade, principalmente quando vítima de violência".
D10	"Creio que o maior desafio para nós, mulheres, independentemente de qual situação ou ambiente, é o simples fato de existirmos; o medo é constante. O pouco policiamento e políticas públicas , que são apenas escritas e não cumpridas, são fatores que agravam a situação."

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Destacam-se termos que apareceram com frequência nos depoimentos: segurança, medo, julgamentos, vulnerabilidade, violência. A análise das palavras determina um panorama preocupante em que a viagem solo de uma mulher está cercada de desafios e isso ocorre antes mesmo da realização da viagem.

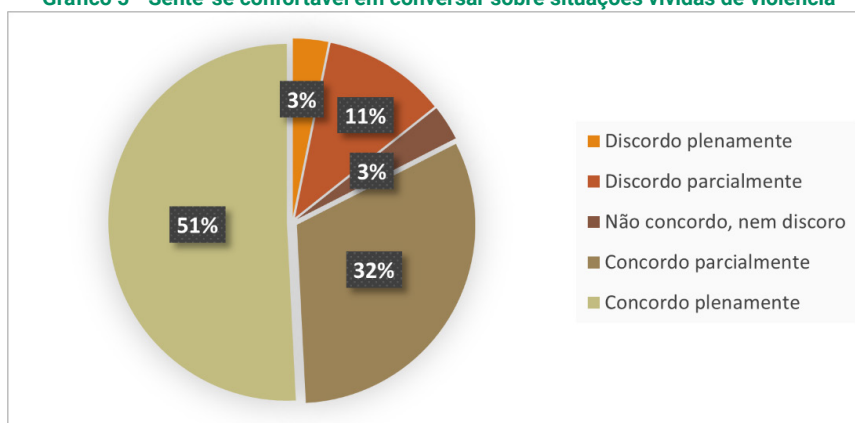
O medo é constante e é intensificado pela incerteza de apoio, juntamente com a violência psicológica no julgamento prévio de que a mulher não é capaz e que, necessariamente, precisa de companhia e ainda que passe por isso e realize a viagem, está sujeita a não aproveitar o suficiente, por se sentir vulnerável e exposta. Tais afirmações, presentes no resultado, aproximam-se das de Teles e Melo (2002), quando apontam que as mulheres sofrem situações específicas de violência simplesmente pelo fato de serem mulheres, repressões que são ligadas diretamente ao gênero.

Quanto ao último objetivo deste estudo, foi questionado se já tinham vivenciado alguma situação de violência em viagens solo, para discutir a segurança turística a partir do levantamento dos relatos pessoais das respondentes ao praticarem viagens turísticas solo no Brasil.

A partir disso, a pesquisa passa para outra seção de análise, com mulheres que já sofreram algum tipo de violência (físico, sexual, psicológico, patrimonial, moral) ao viajarem sozinhas no Brasil, representada pela amostra de 31,00% das respondentes totais, um total de 63 mulheres afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência ao viajar solo no Brasil.

Dessa amostragem específica (63 mulheres vítimas de violência), foi questionado, a princípio, se elas se sentiam confortáveis em conversar sobre situações vividas que envolvam algum tipo de violência, conforme apresentado no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Sente-se confortável em conversar sobre situações vividas de violência



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A maioria das mulheres, que já sofreram algum tipo de violência, sentem-se confortáveis em conversar sobre essas situações. Mesmo que este estudo seja com relatos anônimos, é importante ressaltar que houve uma boa contribuição, por parte das respondentes, nos relatos, demonstrando, assim, o interesse das mulheres na discussão, conforme a Tabela 6.

Tabela 6 - Relatos - Situações em que a mulher se sentiu vulnerável em uma viagem solo

Relatos – Situações em que a mulher se sentiu vulnerável em uma viagem solo	
R1	“Em Fortaleza, fui à praia de Iracema sozinha e fui confundida com prostituta por um turista italiano e, em Natal, um carro me perseguiu na orla principal da cidade.”
R2	“Tive uma experiência negativa com um motorista de uma van de transporte particular. Ele deixou todos em seu destino e meu destino era o último, ele logo começou a fazer perguntas estranhas, querendo me levar para outro local isolado , na intenção de ter relação sexual comigo, eu fiquei bastante desesperada, muito medo , mas me mantive firme e falei que era para ele me levar no meu destino ou me deixava ali mesmo, felizmente funcionou e ele me deixou no meu destino, sem me abusar sexualmente .”
R3	“Em uma viagem de ônibus que realizei sozinha, sofri violência psicológica por parte do motorista da empresa. Questionei um erro dos funcionários da empresa ao me colocarem em um ônibus errado, e o motorista ameaçou jogar minhas malas na rua.”
R4	“Eu conheci um rapaz italiano num show na rua e acabamos nos envolvendo. Eu o convidei para ir pra outro lugar pra passarmos a noite juntos, ele inicialmente aceitou, mas depois ficou desconfiado. Acredito que tivemos problemas de comunicação, somados com o preconceito que os gringos têm da mulher brasileira. Ele começou a questionar se eu era prostituta , se queria tirar dinheiro dele. Eu me senti horrível e tentei ir embora. Foi uma situação péssima, eu tentei sair andando e ele foi atrás, ele dizia se sentir em perigo, quando claramente era muito mais forte que eu e me impediu fisicamente de ir embora sozinha.”
R5	“Um taxista se insinuou sexualmente para mim durante uma corrida até o aeroporto. Era de madrugada! Liguei para minha mãe de vídeo e ela ligou pra polícia.”
R6	“Em uma viagem a São Paulo para ir a um festival de música eletrônica, fiquei num <i>hostel</i> de quarto misto, porém, só havia homens no quarto, dois colegas e outros cinco estrangeiros, inclusive um nigeriano que começou a me olhar e falar algo em sua língua. Fiquei assustada e logo perguntei o que significava, o colega não quis dizer, mas disse que eram frases de conotação sexual . O rapaz não parou de me olhar, fiquei completamente constrangida e com medo . No quarto, tive medo de dormir , mas como o <i>hostel</i> estava cheio, nem passou pela minha cabeça pedir para mudar de quarto. Foi horrível a sensação de impotência , foi uma noite de sono terrível.”
R7	“Um homem que se sentava ao meu lado dentro de um ônibus leito, pegou em minhas partes íntimas enquanto eu dormia. Acordei em pânico.”
R8	“Sofri uma tentativa de estupro ”.
R9	“Um homem me viu na rua e começou a me perseguir. Consegui chegar no hotel em que eu estava e ele entrou no hotel. Entrei no elevador correndo quando as portas estavam quase se fechando, mas ele não conseguiu entrar no elevador. Depois, desci e fui à recepção contar que havia sido perseguida por um homem estranho e a resposta foi que eu estava enganada , que não havia ocorrido nada.”
R10	“Em uma viagem, recebi uma cantada de um homem e não correspondei. Ele me xingou e jogou cerveja na minha cara e, na mesma viagem, fui humilhada por um dono de um <i>hostel</i> , quando fui reclamar da falta de segurança no estabelecimento.”
R11	“Viajando sozinha na praia dos carneiros, Pernambuco, em 2015, estava voltando para o <i>hostel</i> e um homem me seguiu e me atacou na praia, querendo me estuprar, mas a polícia estava dirigindo na praia e assustou o homem. Não conseguiu me estuprar, mas me deixou marcada, a experiência foi um terror para mim.”
R12	“Um homem velho colocou a mão em mim e ficou dois dias na cadeia. A lei de importunação fez ele ir direto para cadeia, em Lençóis/BA.”

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

No total, foram 63 relatos, aqui no estudo destacaram-se 12. Ao analisar os termos dos relatos (prostituta; humilhada; relação sexual; medo; violência psicológica; conotação sexual; constrangida; partes íntimas; estupro) e a quantidade em que cada uma delas aparece, entende-se, mais uma vez, a violência contra a mulher em um cenário de constrangimento e conotação sexual. A violência pelo simples fato de ser uma mulher é cometida, em sua maioria, por homens. São situações que revelam o histórico de opressão sobre o corpo feminino, que causam danos físicos e psicológicos. A violência de gênero, assim como afirmado por Zhang, Lai e Wong (2024) tem consequências muito mais graves.

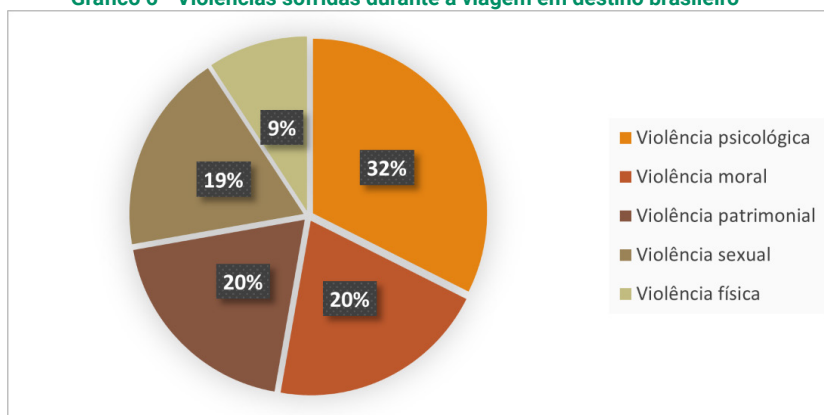
Na Tabela 6, a seguir, tem-se 26 destinos apontados pelas respondentes, em que sofreram algum tipo de violência em uma viagem solo.

Tabela 6 - Destinos em que sofreu algum tipo de violência

Cidade/Estado	Quantidade de respondentes
Rio de Janeiro (RJ)	13
São Paulo (SP)	10
Salvador (BA)	7
Fortaleza (CE); Maceió (AL); João Pessoa (PB)	3
Natal (RN); Recife (PE); São Luiz (MA); Porto Seguro (BA); Porto Alegre (RS)	2
Teresina (PI); Correntina (BA); Alto Paraíso de Goiás (GO); Boa Vista (RR); Boipeba (BA); Ilha Grande (RJ); Praia dos Carneiros (PE); Maragogi (AL); Itacaré (BA); Lençóis (BA); Curitiba (PR); Foz do Iguaçu (PR); Belo Horizonte (MG); Florianópolis (SC); Trancoso (BA).	1

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Alguns destinos apareceram mais de uma vez, como Rio de Janeiro e São Paulo que possuem as maiores ocorrências, 13 e 10, respectivamente. Em relação ao tipo de violência sofrido nos destinos mencionados na Tabela 5, a categoria de maior evidência foi a “violência psicológica”, seguida da “violência moral” e “violência patrimonial”, conforme o Gráfico 6.

Gráfico 6 - Violências sofridas durante a viagem em destino brasileiro

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A “violência psicológica” apresentou maior índice de ocorrência, representando 32,00% da amostra total, o que condiz com os relatos, nos quais a maioria apresenta situações de constrangimento e humilhação, gerando sentimento de impotência. Logo, buscou-se identificar se, ao sofrer a violência, a respondente buscou ajuda, com o objetivo de compreender se existe essa reação em um primeiro momento.

Observa-se que mais da metade das respondentes não buscou ajuda, correspondendo a 56,00% da amostra, um total de 35 mulheres, isso pode ser entendido por diversos fatores, como o impedimento causado pelo constrangimento, por não confiar que terá um apoio ou retorno da acusação, por estar em um lugar desconhecido e sentir receio. Configura-se em um problema que é, inclusive, apontado por Reis (2016), quando afirma que o perfil das mulheres viajantes ainda não é aceito em todos os lugares, já que ainda existem perigos desconhecidos ou pouco explorados. O medo ou receio de que não irá encontrar ajuda, também são consequência dos danos psicológicos que se desencadeiam em uma situação de violência de gênero.

Tabela 7 - Tipos de ajuda que encontrou no destino

Tipos de ajuda	Quantidade
Ajuda de amigos, familiares ou conhecidos	18
Delegacia da Polícia Militar	8
Delegacia da Polícia Civil	5
Delegacia de Atendimento à Mulher	1
Solicitou ajuda de um desconhecido que estava próximo	2
Solicitou ajuda no hotel em que estava hospedada	2
Não encontrei ajuda	33

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Ao final, foi questionado onde buscaram ajuda após o ocorrido e, com uma grande diferença em relação às outras opções, 33 mulheres afirmaram que não encontraram ajuda, conforme demonstrado na Tabela 7. Outro dado com representatividade foi em relação à ajuda de amigos, parentes e conhecidos, obteve-se 18 respostas indicando essa opção. Compreende-se que poucas pessoas buscam serviços de segurança pública nesses momentos.

Em estudo realizado por Mario, Nagano, Cuzziol e Borges (2021, p. 272), que discute sobre turismo e tendências contemporâneas: mulher como viajante solo, as autoras explicam que os “destinos brasileiros não estão preparados para receber mulheres que viajam sozinhas, e as altas taxas de violência contra mulher e a falta de segurança pública no país influenciam na decisão por viajar sozinha”. Isso pode ser visualizado e confirmado também nos resultados encontrados neste estudo, que indicou uma necessidade de direcionamento e organização dos destinos pensando nas mulheres enquanto viajantes solo.

Em síntese, ficou clara a necessidade de um olhar direcionado para a mulher viajante solo no que se refere à segurança, especialmente durante as viagens, entendendo que esse grupo é considerado vulnerável e estando em um destino diferente do seu habitual, ainda desconhece ou são inexistentes os canais e/ou as medidas capazes de minimizar os problemas apresentados até aqui. É preciso avançar com esse tipo de discussão e encontrar/definir caminhos/políticas que fortaleçam, por meio de ações, o sentimento de segurança das mulheres durante suas viagens sozinhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mulher viajante solo ou Solo Woman Travellers, ao realizar seus deslocamentos, redefine padrões sociais enraizados, mas, mesmo que essa ação configure uma ferramenta de emancipação, esse grupo ainda se encontra suscetível a violência(s) de gênero, fator que pode ser determinante na motivação da turista ao realizar uma viagem. Entende-se a importância deste estudo ao apresentar um panorama que discute as percepções das mulheres com dados e relatos, já que os estudos disponíveis sobre a temática ainda são de caráter incipiente e insuficientes no entendimento das várias, e complexas, situações que envolvem a mulher no centro da discussão. Os gestores do turismo, sejam no âmbito público ou privado, precisam atentar-se para as necessidades de cada gênero, uma vez que há disparidades em diversos âmbitos, seja econômica, de segurança, cultural, entre outros. O debate e a proposição de políticas públicas de turismo que promovam a igualdade, inclusão e respeito à diversidade precisam ser ampliados.

Compreende-se que as mulheres viajantes solo estão em um grupo que sugere ter independência financeira e estão inseridas no mercado de trabalho, elementos que são capazes de influenciar diretamente nas suas escolhas e no sentimento de liberdade, autonomia e aventura que atribuem às viagens. As viajantes mulheres participantes deste estudo consideram a segurança como um fator de motivação na escolha da viagem e entendem que todas as violências de gênero apontadas pelo Instituto Maria da Penha, podem ocorrer com uma mulher, principalmente a violência sexual. Observou-se que foram atribuídos sentimentos de medo e risco em relação às viagens no Brasil, aspecto que pode ser entendido como algo inerente à violência contra a mulher, podendo ocorrer em vários lugares, pelo simples fato de ser uma pessoa do gênero feminino e estar suscetível a violências específicas. A análise dos relatos apresenta a vítima em um ambiente de constrangimento de forte conotação sexual, onde há pouca procura de ajuda/apoio após a ocorrência dos casos, principalmente em relação aos serviços de segurança pública (policiais, delegacias, etc.).

As forças de segurança pública precisam aprimorar os procedimentos e a forma de atendimento às mulheres que viajam sozinhas, levando em consideração as particularidades desse grupo, que demonstra interesse crescente em ampliar seu consumo de viagens. Além disso, é necessária a capacitação dos policiais para atender adequadamente a essa demanda, especialmente diante do baixo conhecimento sobre delegacias de apoio ao turista, bem como outro órgão, ou ação de proteção aos viajantes.

Houve participação ativa das mulheres na pesquisa, com 205 respondentes e muitas delas apresentaram relatos importantes para a análise do estudo como um todo, além de fornecerem dados de identificação do perfil socioeconômico do público feminino que realiza viagens solo no Brasil. A grande quantidade de respondentes demonstra tanto um interesse pela temática quanto o fortalecimento da rede de mulheres viajantes solo. Este é um perfil em potencial, logo, entende-se que o debate deve estar incluso em políticas públicas que resguardem, fomentem e direcionam esse nicho, principalmente no que diz respeito à segurança, apontada como um fator crucial na dinâmica de realização das viagens.

A utilização do questionário online para a análise deste estudo foi fundamental para que houvesse um grande alcance e,

consequentemente, diversidade de perfis de mulheres viajantes solo relatando suas vivências e apontando suas percepções, constituindo uma base de dados completa.

Esta pesquisa pode ser um eixo para estudos de implementação de políticas públicas na área. Possui também aplicabilidade, por direcionar a análise a uma problemática vigente e em ascensão, além de fornecer informações para a realização de futuras pesquisas, que abordam o gênero feminino em espaços e vivências de independência e ser um estímulo para estudos futuros de grupos específicos como mulheres negras, mulheres trans e mulheres com deficiência, por exemplo, uma vez que não foram feitas subdivisões para entender a especificidade das limitações e/ou desafios enfrentados por cada comunidade.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, M. de F., Martins, J. C. de O., & Cardoso, G. P. (2003). Reflexões sobre a hospitalidade no contexto turístico. *Turismo Visão e Ação*, 5(3).
- Araújo, M. de F. (2008). Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. *Psicologia para América Latina*, México, n. 14, out.
- Araújo, V. F., & Ribeiro, E. P. (2023). Diferenciais de Salários Por Gênero no Brasil: Uma Análise Regional. *Revista Econômica Do Nordeste*, 33(2), 196-217. <https://doi.org/10.61673/ren.2002.1748>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barretto, M. (1995). *Manual de iniciação do estudo ao turismo*. Editora Papirus.
- Barsted, L. L. (2006). Uma vida sem violência: o desafio à segurança humana das mulheres. *Revista Educação Pública*. Recuperado em 10 de outubro de 2024, de: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/6/9/uma-vida-sem-violencia-o-desafio-a-seguranca-humana-das-mulheres>.
- Bourdieu, Pierre (1999). *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.
- Borges, A. L. M., & Silva, R. C. (2020). Turismo e Segurança Pública: análise documental dos Planos Nacionais de Turismo (PNT) 2003- 2018. *Revista Hospitalidade*, 17(3), 204- 225.
- Borges, A. L. M. (2021). Turismo e Percepção do Medo: o impacto da violência urbana no uso dos espaços públicos de Natal/RN. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. Recuperado em 4 de junho de 2024, de: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/44661>.
- Braggio, L. A. (2007). Turismo e Segurança Pública. 98f. (Dissertação). Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, Univali.
- Brasil. (2006). Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. *Diário Oficial da União*. Recuperado de: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm
- Bridi, G. (2014). Turismo e Segurança: Relação Paralela. Material utilizado na disciplina de Tópicos especiais em Turismo e Hotelaria, Centro Universitário Metodista, do IPA.
- Carvalho, G., Baptista, M. M., & Costa, C. (2015). Mulheres que viajam sozinhas: reflexões sobre gênero e experiências turísticas. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 23, 59-67.
- Costa, J. H., & Herrera, M. R. G. (2019). Criminalidade, Segurança Pública e Sustentabilidade em Destinos Turísticos: Ensaio Exploratório Acerca da Produção Acadêmica Brasileira (2004-2018). *Marketing & Tourism Review*, 4(1). <https://doi.org/10.29149/mtr.v4i1.5510>
- Díaz-pompa, F., Pérez-labrada, S., Cruz-aguilera, N., & Balseira-sanamé, Z. Scientific production on tourist security in the period 2002-2021. *Journal of Multidisciplinary Academic Tourism*. 2023. Recuperado em 5 de junho de 2024, de: <https://doi.org/10.31822/jomat.2023-8-2-119>.
- El País. (2019). Mulheres negras recebem menos da metade do salário dos homens brancos no Brasil. Recuperado de: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/12/politica/1573581512_623918.html.
- Feitoza, B.; & Costa, J. (2021). Violência Urbana, Insegurança e Turismo na “Cidade do Sol” (Natal/RN). In: Planejamento e gestão da segurança pública em turismo: reflexões teóricas e estudos de caso. Recuperado de: <https://portal.uern.br/wp-content/uploads/sites/14/2024/09/E-BOOK-Planejamento-e-gestao-da-seguranca-publica-em-turismo-.pdf>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2024). 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública – 2024. São Paulo. FBSP. Recuperado em: 8 de novembro de 2024, de: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2024/07/anuario-2024.pdf>.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5th ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- Hamid, S., Ali, R., Azhar, M., & Sujood. (2021). Solo travel and well-being amongst women: An exploratory study. *Indonesian Journal of Tourism and Leisure*, 2(1), 1-13. <https://doi.org/10.36256/ijtl.v2i1.125>
- Hirata, F. A.; & Braga, D. C. (2017). Demanda turística e o estudo sobre motivação. EdUFRR. Recuperado em 19 de março de 2025, de: https://www.researchgate.net/profile/debora-braga-2/publication/318489706_demanda_turistica_e_o_estudo_sobre_motivacao/links/596d9ab-2458515d9265fd237/demanda-turistica-e-o-estudo-sobre-motivacao.pdf.
- Izumino, W. P. (2004). Violência contra a mulher no Brasil: acesso à justiça e construção da cidadania de gênero. Recuperado em 19 de março de 2025, de: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel12/WaniaPasinatolzumino.pdf>
- Jamal, T.; & Lee, J. (2003). Integrating micro and macro approaches to tourist motivations: Towards an interdisciplinary theory. *Tourism Analysis*, 8(1), 47-59. Doi: 10.3727/108354203108750166

- Mario, L. R., Nagano, C. M., Cuzziol, E. C., & Borges, G. (2021). Turismo e tendências contemporâneas: Mulher como viajante solo. Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território, 9(3), 273-288. <https://doi.org/10.26512/revistacenario.v9i3.35690>.
- Migalhas. (2019). "Foi uma conquista", diz delegada responsável pela primeira delegacia da mulher criada no país. Recuperado de: <https://www.migalhas.com.br/quentes/308147/foi-uma-conquista--diz-delegada-responsavel-pela-primeira-delegacia-da-mulher-criada-no-pais>.
- Minayo, M. C. de S. (1992). O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec.
- Ministério do Turismo. (2019). Ministério do Turismo promove 1º Encontro de Segurança Turística. Recuperado de: <http://antigo.turismo.gov.br/o-que-e-rss/17-ultimas-noticias/12861-minist%C3%A9rio-do-turismo-promove-1%C2%BA-encontro-de-seguran%C3%A7a-tur%C3%ADstica.html>
- Ministério do Turismo. (2022). Programa Turismo Seguro. Recuperado de: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/turismo-responsavel/turismo-seguro/programa-turismo-seguro-sem-marcas-de-governo-completo.pdf>.
- Ministério do Turismo. (2022). Ministério do Turismo realiza oficina para propor ações de segurança turística. Recuperado de: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-do-turismo-realiza-oficina-para-propor-acoes-de-seguranca-turistica>.
- Organização Pan-Americana da Saúde. (n.d.). Violência contra as mulheres. Recuperado de: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women#:~:text=Estimativas%20publicadas%20pela%20OMS%20indicam,de%20viol%C3%Aancia%20contra%20a%20mulher>.
- Pádua, E. M. M. (1997). Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática. 2nd ed. São Paulo: Papirus.
- Panrotas. (2021). MTur e Fornatur debatem avanços no plano de segurança turística. Recuperado de: https://www.panrotas.com.br/mercado/economia-e-politica/2021/08/mtur-e-fornatur-debater-avancos-no-plano-de-seguranca-turistica_183387.html.
- Pereira, A., & Silva, C. (2018). Women Solo Travellers: Motivations and Experiences. Millenium, 2(6), p. 99-106.
- Puleo, A. (2004). Filosofia e gênero: da memória do passado ao projeto de futuro. In: Godinho, T., & Silveira, M. L. (Orgs.), Políticas públicas e igualdade de gênero (pp. 13-34). São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher. Recuperado em: 11 de setembro de 2024, de: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05630.pdf>.
- Reis, A. M. (2016). Mulheres e viagens: insegurança e medo?. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo). Faculdade de Turismo e Hotelaria, Universidade Federal Fluminense (UFF).
- Santos, J., & Sá, N. S. C. (2021). A mulher negra viajante: experiências e estratégias de combate à sua (in)visibilidade no turismo. Revista de Turismo Contemporâneo, 9(2), 252-269. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2021v9n2ID23584>
- Souza, L. V. (2016). Violência contra a mulher e iniciativas de enfrentamento: O Centro de Referência de Mulheres da Maré Carminha Rosa - Rio de Janeiro (2000-2013) (Dissertação de Mestrado). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. Recuperado de: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/24617>
- Teles, M. A. D. A., & Melo, M. D. (2002). O que é violência contra a mulher? São Paulo: 2002.
- Womens Danger Index: The Worst (and Safest) Countries for Solo Female Travel in 2019. Recuperado de: <https://www.asherfergusson.com/solo-female-travel-safety/>.
- Zhang, J., Lai, I. K. W., & Wong, J. W. C. (2024). Female travellers in hospitality and tourism industry: A systematic literature review. Heliyon, 10. Recuperado de: <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2024.e27256>.
- Zou, Y., & Meng, F. (2019) Chinese tourists'sense of safety: perceptions of expected and experienced destination safety. Current Issues in Tourism, 23(15). Recuperado em 5 de junho de 2024, de: <https://doi.org/10.1080/13683500.2019.1681382>.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Bianca Cabral: Concepção da pesquisa, revisão de literatura.

Aylana Borges: Concepção da pesquisa, análise dos dados.

Rodrigo Cardoso: Concepção da pesquisa, análise dos dados, discussão dos resultados.

Editora de seção: Ana Laura Garcia